

**5/1/1985**

**Nova greve em Guariba. E outras cidades podem aderir.**

Cinco mil bóias-frias de Guariba — a mesma cidade onde em maio do ano passado houve grandes tumultos — entraram em greve ontem, exigindo a readmissão de 1.200 colegas demitidos, além de melhorias salariais. E a greve pode se alastrar hoje por mais de 20 cidades da região, alcançando cerca de cem mil bóias-frias, se estes decidirem se solidarizar com os trabalhadores de Guariba.

Embora sem incidentes iguais aos de maio, o movimento de ontem começou já de madrugada, com grupos de piquetes tomando as seis saídas de Guariba para impedir o tráfego dos caminhões que transportam bóias-frias para o campo. Todos os cinco mil que estão trabalhando na entressafra de cana-de-açúcar ficaram na cidade, e os dois únicos veículos que conseguiram furar o bloqueio nas estradas foram aconselhados pelas próprias usinas a retornarem, para evitar violências.

**Adesões**

Entre as principais reivindicações dos bóias-frias de Guariba estão: estabilidade de um ano, piso de Cr\$ 17 mil por dia e readmissão dos demitidos. Ontem à noite, em Araraquara, representantes de sindicatos de trabalhadores rurais de nove cidades (Araraquara, Cravinhos, Pontal, Batatais, Sales Oliveira, Monte Alto, Matão, Ituverava e Barrinha) decidiram levar a proposta de greve de solidariedade hoje a mais de 20 cidades da região. Se a proposta for aceita, é provável que greve alcance mais de cem mil trabalhadores.

Mesmo sem violências, o ambiente ontem em Guariba parecia antecipar novos tumultos. Mesmo as poucas pessoas que estavam dispostas a trabalhar cederam à determinação da assembléia de quinta-feira — onde 400 trabalhadores decidiram pela greve — e a polícia acompanhou apenas de longe a movimentação. Uma tropa de choque de Araraquara ficou em frente à Delegacia de Polícia, mas em nenhum momento entrou em ação. Um contingente de Ribeirão Preto está de prontidão para Intervir, se for necessário, mas o capitão Milton Pink, comandante da PM, disse que, por enquanto, a ordem é apenas proteger o patrimônio das usinas e da própria cidade, acionando seus 170 soldados "só em último caso".

**Tensão**

Desde as 4h da madrugada, quando começaram os piquetes, o clima era de muita tensão e os moradores passaram o dia temendo que se repetissem os distúrbios do ano passado, quando uma pessoa morreu, 29 ficaram feridas, um supermercado foi saqueado e o prédio da Sabesp foi totalmente destruído durante uma greve de bóias-frias, que aproveitaram para manifestar seu descontentamento pelo alto preço das tarifas de água.

As lojas comerciais abriram normalmente, mas os comerciantes ficaram de alerta durante todo o dia para possíveis saques, que acabaram não acontecendo. "O pessoal", disse José de Fatima Soares, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, que foi formado em setembro e ainda não teve a carta sindical do Ministério do Trabalho, "já se conscientizou que não deve agir contra a cidade, estragando tudo o que vê pela frente, mas sim contra os usineiros, donos de todas as terras daqui".

Para hoje, porém, tanto a polícia como os dirigentes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado — Cetaesp — esperam muita violência entre bóias-frias e policiais. E que o Sindicato Rural de Jaboticabal enviou telex para as Secretarias da Segurança Pública, do

Trabalho e à Casa Civil do governo estadual, pedindo maior proteção às usinas e "respeito aos direitos de ir e vir do trabalhador". O capitão Pink disse que, se houver conflito, a polícia terá de Intervir, e os sindicalistas advertem que isso poderá gerar muita violência, com conseqüências até maiores que na última revolta.

### **Queima**

Aliás, o comentário que mais se ouvia em rodas de bóias-frias — especialmente entre os desempregados — é que se os proprietários das usinas São Martinho, São Carlos, Santa Adélia e Bonfim não absorverem toda a mão-de-obra imediatamente, eles atearão fogo nos canaviais: "Em épocas de colheita, fica mais fácil negociar porque se a gente pára, não produzem o açúcar e têm prejuízos grandes. Agora que estamos plantando a cana, capinando, ou trabalhando no amendoim (que serve para a rotatividade da cana), não temos mais poder de barganha e o único jeito é botar fogo na cana que está crescendo" explicou um rapaz de 27 anos, casado, pai de dois filhos e desempregado há três meses.

Para evitar problemas mais graves, equipes de segurança das usinas já estão em pontos estratégicos que dão acesso aos depósitos de álcool e o Corpo de Bombeiros de Ribeirão Preto está de prontidão para qualquer eventualidade. "É bom que a polícia fique nos quartéis, longe dos piquetes, pois, se entrar, vai acabar sendo problemas e este pessoal aqui é bom de pancada", advertiu o diretor da Fetaesp, Elio Neves.

Em meio ao clima de tensão, alguns usineiros prometiam pedir a intervenção do governo do Estado através do secretário de Trabalho, Almir Pazzianotto, que na greve do ano passado foi um dos articuladores do acordo entre empresários e bóias-frias. Ao saber do movimento, Pazzianotto comentou em São Paulo que tudo era previsível desde o final da safra de cana, quando as usinas dispensaram mão-de-obra ociosa.

O secretário não acredita, porém, que a greve desta vez atinja proporções semelhantes às do ano passado. Pelas informações que recebeu da regional de sua secretaria em Ribeirão Preto, Pazzianotto dizia ontem que há clima favorável a um entendimento.

Advogado e estudioso da questão trabalhista, Almir Pazzianotto acha que somente a criação de frentes de trabalho para os períodos de entressafra poderá resolver as constantes crises envolvendo bóias-frias. Ele propõe um trabalho conjunto do governo do Estado com os empresários rurais, para a criação de empregos sazonais que possam absorver os bóias-frias nas entressafras.